



A Insegurança no “Clube Do Terror”: uma Análise do Percorso Gerativo de Sentido de uma Reportagem da Revista Isto É¹

Marine FREUDENBERGER²

Katiusa de GODOI³

Kaetlyn Ferreira FOCKINK⁴

Patrícia KOEFENDER⁵

Juliana PETERMANN⁶

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O percurso gerativo de sentido compreende a análise dos níveis fundamental, narrativo, discursivo e da manifestação, segundo Fiorin (1989). Deste modo, o presente trabalho analisa a capa da revista Isto É e a reportagem “Clube do Terror”, publicada no dia 11 de maio de 2011, ano 35, nº 2165, com o intuito de identificar como estes níveis apresentam-se na construção da reportagem e qual a interferência do percurso gerativo de sentido no entendimento do leitor acerca do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso; insegurança; terrorismo; Osama bin Laden;

Introdução

A importância da análise do discurso está no fato de ela se configurar como algo inerente à construção do sentido do texto. Com base nisso, muitos autores desenvolveram teorias acerca da produção e da análise do discurso. Segundo Fiorin (1989), existem duas abordagens complementares que podem ser utilizadas quando da análise de um texto, a saber: análise dos mecanismos sintáticos e semânticos, os quais são responsáveis pela produção do sentido; e análise do discurso enquanto objeto

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da UFSM. Email: marinefreuden91@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da UFSM. Email: katiusag@yahoo.com

⁴ Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da UFSM. Email: k_fockink@hotmail.com

⁵ Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da UFSM. Email: pkoefender@yahoo.com

⁶ Professora do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria, mestre em Estudos Linguísticos pelo PPGL da UFSM, doutoranda pelo PPGCOM da Unisinos. Email: jupetermann@yahoo.com.br



cultural, produzido a partir de fatos históricos, e que tem relação dialógica com outros textos.

A análise do discurso dispõe-se como uma ferramenta de estruturação e interpretação de textos. Deste modo, à medida que parte de elementos concretos em direção a componentes abstratos – do mais complexo ao mais simples –, torna explícitos os mecanismos implícitos.

Para a composição do presente artigo, partir-se-á da elaboração do Percurso Gerativo de Sentido, da manchete principal da capa “*O MUNDO NÃO ESTÁ SEGURO* – Osama bin Laden morto ainda é uma ameaça. Como mártir, ele inspira pelo menos dez grupos terroristas espalhados por diversos países. Saiba onde eles atuam, quais seus alvos e por que estão dispostos a matar”, bem como da reportagem “Clube do TERROR” publicada na revista Isto É pelos autores Yan Boechat e Claudio Dantas Sequeira, na edição nº 2165, ano 35, de 11 de maio de 2011 (páginas 64 a 69).

Tendo por base o Plano do Conteúdo, proposto por Fiorin (1989), que abrange os níveis Fundamental, Narrativo e Discursivo; e o Nível da Manifestação que compreende a união do Plano de Conteúdo ao Plano da Expressão, a reportagem será analisada sintática e semanticamente nos três primeiros níveis. Sendo assim, o objetivo do trabalho é verificar, através da análise do discurso, a abordagem e o enquadramento dado pelos autores à morte do terrorista Osama bin Laden.

Nível Fundamental

Configura-se, segundo Fiorin (1989), como a base da construção de um texto, pois busca explicar os níveis mais abstratos do discurso, representando, dessa forma, a instância inicial na construção do Percurso Gerativo de Sentido.

A semântica do Nível Fundamental baseia-se em uma oposição de ideias, as quais devem ter uma relação de contrariedade, pois uma representa euforia, e a outra disforia. Desta forma, apresenta-se um elemento eufórico, cuja valoração textual é positiva, e um disfórico com valoração textual é negativa.

Ainda nesse nível, mas no âmbito da sintaxe, apresentam-se duas operações: a negação e a asserção. Partindo da oposição já elaborada na semântica fundamental,



constroem-se as seguintes relações: afirmação da euforia, negação da euforia, afirmação da disforia, ou ainda, afirmação da disforia, negação da disforia, afirmação da euforia.

Para a análise da reportagem neste nível, foi detectada, na semântica fundamental, a oposição segurança vs. insegurança, sendo essa última expressa no texto através da ideia de “ameaça”. Tal oposição manifesta-se através das frases da capa “O mundo não está seguro” / “ainda é uma ameaça” / “dispostos a matar”, bem como os trechos da reportagem “ameaçam a segurança do planeta” (p.64) / “poderiam lançar um ataque nuclear contra os EUA” (p.66) / “Osama globalizou o terror islâmico” (p.69).

Assim, nessa oposição /segurança/ é contrário a /insegurança/; /segurança/ é contraditório a /não-segurança/ e /insegurança/ é contraditório a /não-insegurança/. Com base nisso, e considerando o ponto de vista dos autores, o termo eufórico é /insegurança/ e o termo disfórico é /segurança/, sendo que a insegurança é o valor positivo, e a segurança o valor negativo na construção textual realizada pelos autores, já que os mesmos parecem buscar construir o sentimento de /insegurança/ nos leitores, durante toda a reportagem.

Já na sintaxe fundamental, é construída a afirmação da /segurança/, negação da /segurança/, afirmação da /insegurança/. Essa relação pode ser observada quando os autores da manchete utilizam-se da afirmação da morte de Osama bin Laden como um fator positivo, e portanto, eufórico; em seguida, os autores negam a /segurança/, ao ressaltar que “Osama bin Laden morto ainda é uma ameaça”, afirmando a /insegurança/ com a frase “como mártir, ele inspira pelo menos dez grupos terroristas (...) que estão dispostos a matar” (capa).

Nível Narrativo

Esse elemento da teoria do discurso compreende uma alteração de conteúdos, na medida em que se tem um estado inicial que se transforma em um estado final, conforme Fiorin (1989).

Quanto à sintaxe narrativa, tem-se dois tipos de enunciados elementares: “enunciados de estado” e “enunciados de fazer”. No enunciado de estado ocorre uma disjunção ou conjunção entre o sujeito (que é alguma coisa) e o objeto, esse tipo de



enunciado pode ser classificado como de “privação” ou “liquidação de privação”. Identifica-se o enunciado de estado de privação nas expressões – “O mundo não está seguro” (capa) / “ameaçam a segurança do planeta” (p.64) / “Um ataque de grande magnitude [...] é o sonho de seus seguidores” (p.67) / “o mundo ainda não está livre da ameaça terrorista nem mais seguro após a morte do maior terrorista da história” (p.69), nas quais os sujeitos entram em disjunção com o objeto /segurança/, e geram uma conjunção com a /insegurança/.

No enunciado de fazer ocorre uma transformação de um enunciado de estado a outro. Identifica-se esse tipo de enunciado nas expressões – “A morte do maior terrorista de todos os tempos trouxe alívio e apreensão” (p. 65) / “Não há dúvida de que a morte de Bin Laden fecha um capítulo traumático da história ocidental” (p. 68), nas quais há, aparentemente, uma transformação de um estado inicial (insegurança) em um estado final (aparente segurança). Porém, na construção do texto como um todo, não existe esta mudança de estado, uma vez que o estado inicial /mundo inseguro/ permanece, o que é comprovado pela expressão “O mundo ainda não está livre da ameaça terrorista nem mais seguro após a morte do maior terrorista da história” (p. 69), que encerra o texto.

Nos textos, há uma complexidade das narrativas devido à hierarquização dos elementos que compreendem as quatro fases da sequência canônica (manipulação, competência, performance, sanção). O texto aqui analisado parece não seguir essa sequência canônica porque foram neles identificados apenas as fases de manipulação e competência. Na primeira, o sujeito /terroristas/ é manipulador de si mesmo, ao resolver vingar a morte de Osama. Na competência, o sujeito /terroristas/ é dotado de um “poder fazer”, representado na reportagem pelas expressões /atentado/, /armas/, /bomba/, /guerra/, /homem-bomba/. A fase da performance não foi identificada na reportagem, pois a narrativa não possui uma transformação central, já que ela inicia com a ideia de que o mundo não estava seguro com a presença de Bin Laden e termina dizendo que mesmo com a sua morte o mundo ainda não está seguro, pois existem mais de dez grupos terroristas espalhados pelo mundo querendo vingar a morte do seu líder. Sendo assim, o /mundo inseguro/ continua sendo /mundo inseguro/ no decorrer do texto. Como não há performance na reportagem, automaticamente não há sanção (reconhecimento do



sujeito responsável pela transformação ocorrida na fase da performance), pelo fato de não haver transformação de um estado a outro.

No que compete à análise semântica narrativa, a qual possui dois tipos de objetos: os modais, que são necessários para a obtenção de outros objetos, e os de valor, o qual é o fim último. Na análise, o objeto modal – a morte de Osama – contribui para o fortalecimento da /insegurança/, que consiste no objeto de valor (pois é o fim último), uma vez que possibilita vingança e retaliações por parte dos grupos terroristas os quais Osama inspira.

Nível Discursivo

Para Fiorin (1989), as estruturas discursivas devem ser consideradas a partir das relações que se estabelecem entre a instância da enunciação, que produz o discurso, e o texto enunciado. Portanto, as formas que, no nível anterior, eram abstratas, passam agora a ser revestidas de termos que lhes tornam concretas. Desse modo, se no nível narrativo o /mundo/ entrava em disjunção com a /segurança/, gerando conjunção com a /insegurança/; no nível discursivo, a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação, ou seja, o /mundo/ quer entrar em conjunção com a /segurança/; o /mundo/ não pode fazê-lo, pois há um obstáculo: /dez grupos terroristas/; o /mundo/ passará a fazê-lo quando os /dez grupos terroristas/ forem eliminados. Sendo assim, o /mundo/ entrará em conjunção com a /segurança/ quando o obstáculo - /dez grupos terroristas/ - for removido.

Na sintaxe do nível discursivo ocorrem os processos estruturais de pessoalização, temporalização, espacialização e relação enunciador/enunciatário. Na análise, a pessoalização compreende a identificação do enunciador – os autores do texto – e do enunciatário, sendo que aqueles se expressam através da utilização da impessoalidade (“um ataque de grande magnitude para vingar a morte [...] é o sonho dos seus seguidores” - p. 67) para a construção do discurso, a fim de aproximar o terror e a insegurança do “mundo” do enunciatário, identificado como sendo os leitores brasileiros. Este direcionamento pode ser exemplificado através do quadro das páginas 66 e 67, intitulado “Terror bem perto da fronteira do Brasil”. A temporalização, por sua vez, abrange o período que se iniciou com a morte de Osama bin Laden até a publicação da reportagem. Como recurso para esse processo estrutural, os autores recorrem à



narração de fatos trazendo-os ao presente, a fim de atualizar o leitor. Quanto à espacialização, tem-se que o cenário dos acontecimentos é o /mundo/, uma vez que são utilizados recursos gráficos como mapa e sequência cronológica que mostram a atuação do terrorismo em escala mundial. Já na relação estabelecida entre enunciador e enunciatário, na maioria das vezes, o que ocorre é que os enunciadores, ao construírem essa “narração”, distanciam-se do discurso ao citar relatos/opiniões de outras pessoas, as quais eles julgam legitimadas.

A semântica discursiva possui como componentes temas e figuras, os quais são utilizados a fim de dar concretude ao discurso. Os temas surgem das abstrações das figuras, pois não estabelecem ao discurso nenhuma especificidade, enquanto as figuras remetem a elementos objetivos, do mundo natural, uma vez que particularizam o discurso. Na reportagem, verificou-se que os temas são concretizados pelas figuras, conforme a tabela a seguir:

Temas	Figuras
O mundo está inseguro e violento	/tortura;/ /bomba;/ /explosivos;/ /rede terrorista;/ /guerra nuclear, química e bacteriológica;/ /ataques terroristas;/ / atentado;/ /caça/.
O terror está tomando conta do mundo	/rede terrorista;/ /ataques terroristas;/ / atentado;/ /guerra nuclear, química e bacteriológica/.
Os grupos terroristas ameaçam o mundo	/tortura;/ /bomba;/ /explosivos;/ /rede terrorista;/ /ataques terroristas;/ /guerra nuclear, química e bacteriológica;/ /caça/.
Os terroristas querem vingança	/rede terrorista;/ /ataques terroristas;/ / atentado;/ /caça;/ /mártir/.
O terrorismo é forte e poderoso	/tortura;/ /bomba;/ /explosivos;/ /homem-bomba;/ /terrorista suicida;/ /guerra nuclear, química e bacteriológica;/ /ataques terroristas/.



Oriente versus Ocidente	/homem-bomba;/ /terrorista suicida;/ /madrassas ⁷ /.
Fanatismo religioso	/madrassas;/ /mártir;/ /seguidores/.

De acordo com Koch (1995), a sintaxe discursiva compreende a análise de diversos aspectos estruturais, sendo que desses, três serão contemplados neste trabalho. O primeiro aborda os Marcadores de Pressuposição os quais são as marcas que introduzem no enunciado conteúdos semânticos. Dos elementos linguísticos introdutores de pressupostos, pode-se citar:

a) Verbos que indicam permanência de estado: identificados nas orações “[...] a mais efetiva organização terrorista da histórica moderna *continua* à solta, preparando-se para atacar” (p.65); e “O foco parece *continuar* na caça aos responsáveis pelo 11 de setembro” (p.69). Há a pressuposição de que as organizações terroristas já agiam antes, e mesmo com a morte de Bin Laden continuam ativas; na segunda frase tem-se que o foco, que já era nos responsáveis pelo 11 de setembro, ainda permanece (grifo nosso).

b) Verbos factivos: não há ocorrência de verbos em primeira pessoa, por exemplo, lamento, lastimo, sinto, dentre outros, devido ao fato de não haver, aparentemente, um posicionamento pessoal dos autores diante das circunstâncias enunciadas na reportagem.

O segundo aspecto estrutural contempla os Tempos Verbais os quais são a base para a diferenciação de dois tipos de “atitude comunicativa” (WEINRICH *apud* KOCH, 1995:54): o mundo comentado, no qual há um comprometimento do enunciador com o enunciado, e o mundo narrado, no qual o enunciador se distancia do discurso.

Quando da leitura da reportagem, notou-se certo predomínio do “mundo narrado” sobre o “mundo comentado”, visto que os autores parecem se distanciar do discurso recorrendo à utilização de falas de autoridades, pesquisadores e demais analistas do assunto. Entretanto, quando da quantificação dos verbos da reportagem, pode-se notar um predomínio de (cerca de 50) verbos no presente, que remetem ao

⁷ Segundo a Enciclopédia Britânica, *madrassas* são instituições de ensino que funcionaram como seminários teológicos e escolas de direito com o currículo baseado no Corão.



“mundo comentado”, tais como: /tem/, /é/, /são/, /tende/, /alimentar/, /continuam/, /estão/, /fecha/, /destruir/, /atacar/, /ilustram/, /analisar/, /afirmar/, /projetar/.

Devido a esta contradição, percebe-se que os autores utilizam-se do “mundo narrado” dentro do “mundo comentado” e vice-versa, recorrendo a idas e vindas que constituem um recurso de atualização do discurso. Tal fato pode ser observado no parágrafo “Enclausurado em uma espécie de *bunker* de luxo no Paquistão nos últimos cinco anos, Bin Laden já não *tinha* a mesma influência operacional dos tempos em que *comandava* sua organização dos campos de treinamento afegãos. No entanto, mesmo sem seu controle direto, a Al-Qaeda e grupos terroristas feitos sob sua imagem e semelhança espalhados pela Ásia, Oriente Médio e Norte da África *continuam* ativos, apenas aguardando uma brecha nos esquemas de segurança.”(p.65) (grifo nosso). Este trecho exemplifica a estrutura discursiva utilizada pelos autores ao longo do texto, no qual, em um primeiro momento, há relatos de fatos através da utilização de verbos que remetem ao “mundo narrado” – tinha e comandava, por exemplo – e em um segundo momento, faz-se o uso de verbos no tempo presente – continuam, por exemplo – que pertencem ao “mundo comentado”.

Outro exemplo a ser considerado, que compete à variação entre “mundo narrado” e “mundo comentado”, pode ser verificado no trecho “De acordo com a ficha do líbio, a Al-Qaeda *possui* um artefato nuclear, mas *tem* dificuldade para transportá-lo. A bomba, segundo Al Masri, *estaria* escondida na Europa, e somente Al Libi *saberia* sua exata localização” (p.67) (grifo nosso). Nesse trecho, inicialmente, os enunciadores parecem comprometer-se com o enunciado, trazendo verbos conjugados no presente – como possui e tem – que configuram a atitude comunicativa de “mundo comentado”. No período seguinte, os autores utilizam-se da fala de outrem, a fim de não se comprometerem com o discurso disseminado. Para isso, faz-se uma transição para o “mundo narrado”, através da fala de pessoas legitimadas para tanto.

O terceiro aspecto estrutural a ser analisado abrange os Índices de Polifonia, os quais compreendem as “vozes” que trazem para o texto pontos de vistas diferentes. Existem alguns elementos que funcionam como índices da presença de outras vozes no texto, dentre esses pode-se citar:

1. Determinados operadores argumentativos:

1.1. ao contrário, pelo contrário: tais operadores não foram encontrados na análise, visto que os autores sustentam seu posicionamento do início ao fim da reportagem, mesmo realizando pequenas contraposições que são construídas de forma a reforçar a elaboração de seu pensamento no texto.

1.2. mas, embora: a partir da análise, pode-se observar que a construção de sentidos do texto decorre de uma estrutura em que os autores utilizam-se de um primeiro argumento, ao qual posteriormente se opõe um argumento segundo mais forte, de forma a negar o primeiro. Como exemplo pode-se citar as seguintes situações: “A eliminação do saudita Osama bin Laden foi uma vitória histórica [...] *Mas* seu fim também tende a alimentar um forte sentimento de vingança[...]” (p. 65) / “As informação colhidas em geral, sob tortura [...] nunca foram confirmadas na prática. *Mas* também em momento algum foram descartadas.” (p. 67) / “E *embora* os vínculos entre a Al-Qaeda e outro grupo militantes espalhados pelo mundo [...] tenham se enfraquecido nos últimos anos, a morte do terrorista saudista pode ajudar a reaproximá-los.” (p. 68) / “Há quem avalie que o movimento se tornará menos global [...] *Mas* há também quem acredite que a morte do Bin Laden vai ampliar o foco mundial do terror [...]” (p. 69) (grifo nosso). Os autores utilizam-se desses operadores a fim de reafirmar o sentido de insegurança no texto.

1.3. operadores conclusivos: não foram encontrados operadores conclusivos na análise da reportagem, principalmente pelo fato de os autores parecerem tentar não se posicionar quanto a questionamentos que possam remeter a um juízo pessoal dos valores e ideologias dos enunciadores.

2. Marcadores de pressuposição: na análise foram identificados marcadores nas frases “Osama bin Laden morto *ainda* é uma ameaça” (capa) e “No entanto mesmo sem seu controle direto, a Al-Qaeda e grupos terroristas feitos sob sua imagem e semelhança [...] *continuam* ativos, apenas aguardando uma brecha nos esquemas de segurança. “(p.65) (grifo nosso), nas quais os marcadores “ainda” e “continuam” pressupõem que o mundo estava inseguro, e os grupos terroristas eram comandados por Bin Laden, em



vida, e mesmo depois de sua morte a insegurança continua e os grupos permanecem ativos.

3. Uso do futuro do pretérito como metáfora temporal: há a ocorrência de verbos no futuro do pretérito como nas orações “A bomba segundo Al Masri, *estaria* escondida na Europa, e somente Al Libi *saberia* sua exata localização. O plano [...] *envolveria* terroristas europeus [...]” (p.67). Destaca-se o afastamento dos autores, visto que eles atribuem o que é dito a outras pessoas, não se responsabilizando pelo discurso propagado.

4. Uso de aspas: as aspas foram identificadas na reportagem, tanto com o intuito de trazer o discurso de outras pessoas, quanto para indicar o sentido conotativo de determinadas expressões, como observa-se a seguir nas citações “ [...] a Al-Qaeda reconheceu pela primeira vez a morte de seu líder e prometeu ‘caçar’ os Estados Unidos para vingar Osama” / “Na visão de analistas de segurança, [...] ‘A possibilidade é baixa’, diz o brasileiro Salvador Ghelfi Raza, analista [...]. (p.67) e “[...] gratidão pelos ‘serviços’ prestados pelo ‘mártir’ Bin Laden” (p. 68).

Verifica-se então que os autores, ao se apropriarem do discurso de autoridades no assunto, distanciam-se do texto e atribuem a essas pessoas a responsabilidade sobre o que está sendo dito, a fim de dar maior legitimidade ao discurso. Isso caracteriza o afastamento dos autores em relação a questões que demandam um entendimento mais aprofundado, bem como uma opinião ideológica mais explícita.

Nível da Manifestação

Todo plano de conteúdo precisa de um plano de expressão para se manifestar. Assim, segundo Fiorin (1989), o Nível da Manifestação compreende a união de um plano de conteúdo a um plano de expressão. Dessa forma, a análise de um percurso gerativo de sentido requer que sejam analisados os efeitos estilísticos da expressão, os quais não podem ser encontrados em nenhum dos outros três níveis, mas podem ser verificados no Nível da Manifestação. Neste nível devem ser considerados:

a) Recursos sintáticos: foi verificada a utilização de paralelismos a fim de reiterar o sentido primeiro, como nas expressões “[...] serve como santuário de extremistas, *tanto*



para o fluxo de informações *como* de recursos [...]” (p. 67) / “Seu desaparecimento *não* elimina *nem mesmo* enfraquece [...]” (p.68) / “A figura do homem-bomba, do terrorista suicida e das madrassas que servem como escolas de assassinos é recente, *assim como* é recente [...]” (p.69).

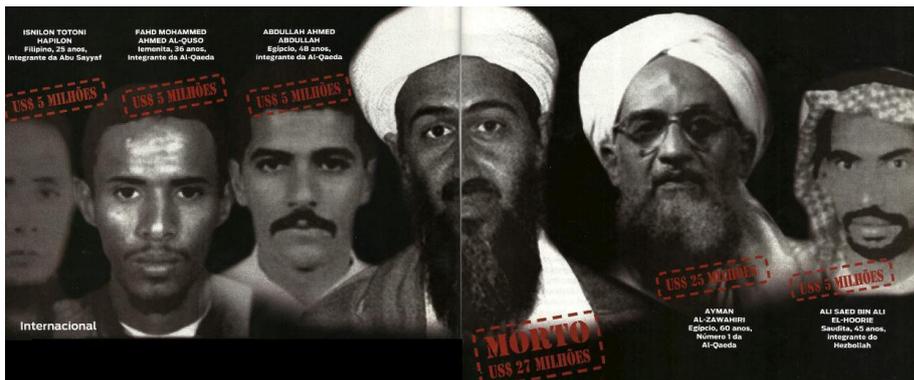
b) Não foram identificados recursos fônicos como a aliteração e a assonância; recursos métricos e rítmicos; nem figuras de construção como repetição, quiasmo e gradação, devido ao fato de se tratar de uma matéria jornalística a qual busca a objetividade e a clareza. Dessa forma, os autores não se utilizam de tais figuras, que são mais recorrentes nas construções poéticas.

c) Recursos inerentes ao código do texto analisado: os autores empregam diversos recursos gráficos, estilísticos e imagéticos. Quanto à utilização de trechos em negrito, ao longo da reportagem, pode-se ressaltar que os enunciadores se apropriam desse recurso para evidenciar o objeto de valor /insegurança/, por exemplo em “A figura do homem-bomba, do terrorista suicida e das madrassas que servem como escolas de assassinos é recente, *assim como* é recente a estratégia terrorista dos grupos islâmicos” (p. 69). Os trechos em negrito visam fortalecer o sentimento de medo, uma vez que todos remetem a formas como o terror pode se disseminar; esse recurso estilístico direciona o olhar do enunciatário para trechos os quais os autores propendem destacar, e pode influenciar a opinião e o entendimento do leitor principalmente se o mesmo fizer a leitura apenas dos períodos grifados.

Sobre as cores, os autores utilizam predominantemente o preto e o vermelho, as quais foram selecionadas previamente a fim de propagar um sentido de medo, terror, sangue, escuridão; além disso, o próprio contraste entre o preto e branco já implica o entendimento negativo, porque os enunciadores empregam fontes em branco sobre um fundo preto, o que possibilita uma visão pejorativa acerca do tema. Já a gradação entre amarelo, laranja e vermelho é recorrente na capa, em que essas cores predominam de modo a transmitir a sensação de calor que remete ao inferno, ao fogo, à explosão, dentre outros (ver figura 2). Essa combinação de cores também foi utilizada na diagramação da reportagem, que possui marcadores, fotografias e mapa, os quais propiciam o estabelecimento de uma semelhança com a capa e levam à padronização da

diagramação. Isso se mostra ainda, na recorrência do preto em todas as páginas, de forma que quadros, linhas, marcadores e blocos de informações são utilizados a fim de dar continuidade e unificar o texto.

A importância da análise de textos não-verbais dá-se devido à possibilidade de visualizar aspectos mais subjetivos que não se encontram explícitos no texto verbal. Sendo assim, a análise de imagens e fotos é um recurso importante para perceber tais aspectos. Podem-se referenciar os autores Kress e Van Leeuwen (1996) que trazem as ideias de “imagens conceituais”, as quais se constituem nas fotos posadas e/ou editadas, em que não se tem ação. Tal classificação pode ser observada na primeira imagem da reportagem (figura 1 – p. 64 e 65), na qual os terroristas foram dispostos de forma que Bin Laden fosse destacado e os demais ficassem em segundo plano e progressivamente desfocados. Mesmo assim, todos eles mantêm o olhar fixo na direção de quem está



visualizando a foto, o que denota a presença deles no mesmo mundo em que o leitor se

Figura 1 – Representa o “Clube do Terror”. do terror, do medo e do perigo que eles representam,

enquanto terroristas, pertencentes ao mesmo grupo do líder Bin Laden. Desse modo, os autores levam a entender que, por mais que o líder tenha sido morto, os seus seguidores estão à solta ameaçando a segurança do planeta, e por isso são considerados “procurados” e “valiosos” de acordo com o perigo que cada um representa.

A mesma fotografia de Bin Laden é utilizada na capa (figura 2), porém com cores diferentes – conforme já citado anteriormente – e com contornos indefinidos, dando a ideia de que mesmo morto e “queimando no inferno”, Bin Laden continua aterrorizando o mundo, como um “fantasma”.



Figura 2 – Capa da revista Isto É



Figura 3 – Bin Laden e sua família

Outra imagem conceitual presente na reportagem compreende uma fotografia (figura 3) posada – na qual não se tem ação – em que Bin Laden aparece, em uma viagem, com a família. Tal imagem, juntamente com a legenda e com informações contidas na reportagem, pretende mostrar que apesar de ter tido um passado repleto de luxo e riqueza ocidentais, Bin Laden transformou-se em um terrorista cuja ideologia tem como principal objetivo “destruir a influência ocidental sobre o mundo islâmico” (p.69).

Kress e Van Leeuwen (1996) trazem ainda o conceito de “imagens narrativas”, as quais representam alguma ação, como pode ser observada na imagem das páginas 68

Figura 4 – “Fanatismo Religioso”.
leitores de seu mundo.

e 69 (figura 4) onde três indivíduos de cabeça baixa, concentrados na leitura de textos religiosos, com os rostos desfocados, remetem ao que os autores chamam de “fanatismo religioso”. Assim, transmite-se a ideia de que a leitura desses textos é o mais importante, e no momento em que os indivíduos não olham diretamente para a câmera, estão excluindo os

Segundo Kress e Van Leeuwen (1996), os mapas se constituem em “imagens objetivas”, que não demandam interpretações aprofundadas por parte do leitor. O mapa



Figura 5. Mapa do mundo.

mundial (figura 5) trazido na reportagem configura-se como uma imagem classificatória, uma vez que estabelece diferentes níveis de risco de ataque através de uma escala de cores definida pelos autores. A imagem possui três dimensões, e está apresentada sob uma perspectiva, sendo que

através do ângulo de inclinação ocorre a distorção das áreas dos países que estão localizados no quadrante superior direito do mapa, destacando-os. Percebe-se que essa área possui maior concentração de grupos terroristas atualmente em atividade. Sendo assim, os autores aproximam o quadrante do leitor, fortalecendo o sentimento de medo e de insegurança, visto que colocam o mundo inteiro em alerta ao risco de ataque terrorista, pois a maior parte dos países, conforme a legenda, tem algum grau de risco de ataque.



Figura 6. Sequência cronológica

Da mesma forma, o sentimento de medo é reiterado quando os autores utilizam-se de uma sequência cronológica (figura 6), a qual ordena os principais ataques terroristas ocorridos desde 1993 até 2010. Assim, os autores concentram a atenção do leitor nos locais atingidos pelos ataques, e principalmente no número de vítimas que cada um deles causou.



Considerações Finais

A partir da análise do percurso gerativo de sentido construído no decorrer do texto, pode-se constatar que os autores utilizam-se de diversos recursos linguísticos, verbais e não-verbais, a fim de construir uma atmosfera de medo, terror e insegurança. Assim, fica evidente a contribuição da análise do discurso nesse contexto, uma vez que ela desvela os mecanismos implícitos empregados pelos autores para produzir o sentido pretendido. Dentre esses recursos cabe destacar a semântica no nível fundamental e discursivo, a sintaxe no nível narrativo e os recursos inerentes ao código do texto no nível da manifestação.

O discurso dos autores parece estruturar-se de forma a abster-se de opiniões pessoais e ideológicas, com o intuito de não se comprometer com o discurso a ser propagado. Por conta disso, recorrem à impessoalidade e vozes de outras pessoas dentro do texto para legitimar o assunto.

Nota-se que desde o nível fundamental – onde foram identificados os valores opostos /insegurança/ e /segurança/ –, até o nível da manifestação – no qual se verificou que as imagens sustentam um posicionamento que os autores já vinham construindo ao longo da reportagem – os autores produzem um discurso baseado na valorização da /insegurança/ e na recorrência de fatos narrados e comentados que configuram um cenário de medo e terror.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz P. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Parma Ltda, 2005.

FIORIN, José Luis. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 1995.

KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Images: The grammar of visual design**. New York: Routledge, 1996.